

A história da publicação do Mapa da América do Norte de John Mitchell de 1755*

*A Publishing History of John Mitchell's 1755 Map of North America***

MATTHEW H. EDNEY

*Director, History of Cartography Project
Department of Geography, 470 Science Hall
University of Wisconsin
550 N. Park St., Madison, WI 53706-1491, USA
edney@wisc.edu*

RESUMO Esse artigo aborda o contexto de produção das várias edições do mapa de John Mitchell, intitulado *Map of the British and French Dominions in North America*, primeiramente publicado em 1755. A partir desse exemplo, discute a concepção, já arraigada na História da Cartografia, de que os mapas devem ser entendidos a partir da área que eles cartografam. Propõe, então, que os mapas devem ser entendidos observando as demandas do público e as formas de consumo dos mesmos.

Palavras-chave Cartografia, John Mitchell, História da Cartografia

* Artigo recebido em 22/01/2007. Autor convidado.

Matthew Edney é diretor do *History of Cartography Project*, University of Wisconsin-Madison, e *associate professor* e *faculty scholar* na Osher Map Library and Smith Center for Cartographic Education, University of Southern Maine, Portland. Partes desse artigo foram originalmente apresentadas em seu *The Mitchell Map: An Irony of Empire*, www.usm.maine.edu/maps/mitchell (created April 1997)).

** Tradução de Clara Furtado Lins.

ABSTRACT This article analyses the John Mitchell's eight-sheet, *Map of the British and French Dominions in North America*, first published in 1755. This map poses a significant challenge to the traditional approaches to the History of Cartography in which maps are studied according to the regions they depict rather than the contexts within which they were made and used. In particular, we must organize our historical narratives and cartobibliographies around not the regions and places mapped, but rather the contexts within which maps were made and used.

Key words Cartography, John Mitchell, History of Cartography

São inúmeras as possibilidades de classificação dos mapas das colônias européias nas Américas: por região, por época, por arquivo, por função. Classificações por esse último critério, de acordo com o propósito e os tipos de mapas,¹ permitem-nos distinguir algumas categorias básicas dos mesmos: planos de propriedades; planos topográficos de fortificações e lugares urbanos; mapas das costas e planos de portos; mapas regionais, variando em extensão das capitanias até abarcar o hemisfério inteiro. Com essa classificação podemos ser precisos em nossas investigações de como os mapas contribuíram, material e intelectualmente, com o imperialismo europeu no hemisfério oeste. Um elemento chave para explorar cada tipo cartográfico é descobrir como os mapas circulavam entre os que os produziam e os que os utilizavam nas colônias, tanto de um lado do Atlântico, quanto do outro lado em seus países mãe e, algumas vezes, entre os dois. Uma vez estabelecidos os padrões sociais e geográficos de circulação, podemos então dizer algo sobre os tipos de pessoas que consumiam cada tipo de mapa e por que. Em outras palavras, o estudo dos mapas como artefatos – como coisas feitas para serem movidas no espaço, guardadas e usadas – tem pequena ligação imediata com os lugares mapeados, mas tem muito a ver com as pessoas que os criavam e consumiam.

Esse argumento coloca um desafio para a abordagem tradicional da História da Cartografia, na qual os mapas são estudados de acordo com as regiões que eles representam e não no contexto em que eles são feitos e usados. Considere, por exemplo, o mapa de oito folhas de John Mitchell, intitulado *Map of the British and French Dominions in North America*, primeiramente publicado em 1755 (Figura 1).² Esse grande e imponente mapa foi, por muito tempo, um ícone dos estudos focados regionalmente na história

1 Sobre os tipos cartográficos ver EDNEY, Matthew H. Cartography without 'Progress': Reinterpreting the Nature and Historical Development of Mapmaking. *Cartographica*, v.30, nºs. 2&3, p.54-68, 1993.

2 Reproduções digitais de alta resolução das sete variações do mapa de Mitchell estão disponíveis livremente na Biblioteca do Congresso "American Memory Network": <http://memory.loc.gov/ammem/gmdhtml/gmdhome.html>.

dos mapas³ da América do Norte, principalmente dos EUA. Certamente, a atenção dos estudiosos esteve centrada na história da publicação desse mapa somente dentro do contexto da história colonial. Duas bibliografias – a primeira feita por um diplomata dos EUA, estabelecido na Inglaterra nos anos de 1890,⁴ a segunda feita pelo Coronel Lawrence Martin, da Divisão de Mapas e Geografia da Biblioteca do Congresso, nos anos de 1920⁵ – foram motivadas pelo fato de que o mapa foi usado, desde 1782, como uma fonte de informação sobre as fronteiras coloniais em várias negociações internacionais e disputas entre estados. Uma terceira *cartobibliografia*, feita pelos comerciantes de mapas e livros Henry Stevens e Roland Tree, foi apresentada como parte de uma bibliografia maior de mapas impressos das colônias da América do Norte preparado como guia para antiquários.⁶ Os três esquemas cartobibliográficos são os seguintes:⁷

Browse no "Creator Index" para "Mitchell, John, 1711-1768." Referências serão feitas a essa fonte para consultar detalhes do mapa.

- 3 As referências básicas são: FITE, Emerson D. e FREEMAN, Archibald. *A Book of Old Maps Delineating American History from the Earliest Days Down to the Close of the Revolutionary War*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1926; repr. New York: Dover, 1969, nºs. 47 and 74; BROWN, Lloyd A. *The World Encompassed: An Exhibition of the History of Maps*. Baltimore: Trustees of the Walters Art Gallery, 1952, nº. 256; RISTOW, Walter W. John Mitchell's Map of the British and French Dominions in North America, Compiled and Edited . . . from Various Published Works of Lawrence Martin. In: RISTOW, Walter W. (ed) *A la Carte: Selected Papers on Maps and Atlases*. Washington, D.C.: Library of Congress, 1972, p.102-8; BERKELEY, Edmund e BERKELEY, Dorothy Smith. *Dr. John Mitchell: The Man Who Made the Map of North America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1974, p.175-213; *North America at the Time of the Revolution: A Collection of Eighteenth Century Maps With Introductory Notes by Louis De Vorse Jr: Part II*. Lympe Castle, Kent: Harry Margary, 1974; MCCORKLE, Barbara B., MILES, George A., e SAMMONS, Christa. *America Emergent: An Exhibition of Maps and Atlases in Honor of Alexander O. Viator*. New Haven, Conn.: Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University, 1985, nº. 26; CUMMING, William P. *The Southeast in Early Maps*. 3ª.ed. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1998, nº.293; PRITCHARD, Margaret Beck. A Selection of Maps from the Colonial Williamsburg Collection. In PRITCHARD, Margaret Beck e TALIAFERRO, Henry G. *Degrees of Latitude: Mapping Colonial America*. New York: Henry N. Abrams, Inc., for the Colonial Williamsburg Foundation, 2002, p.54-311, esp. nº.33; SUÁREZ, Thomas *Shedding the Veil: Mapping the European Discovery of America and the World, Based on Selected Works from the Sidney R. Knafel Collection of Early Maps, Atlases, and Globes, 1434-1865*. Singapore: World Scientific, 1992, nº.56.
- 4 STEVENS, Benjamin Franklin. A Collation or Comparison of the More Conspicuous Points of Variation in the Several Issues, ca. 1897. In: *Collected Copies of Correspondence and Other Memoranda Relating to Col. Lawrence Martin's Studies of the Mitchell Maps, ca. 1925-35*. National Archives, Record Group 76, Records Relating to International Boundaries, Cartographic Series 28.
- 5 Ver o estudo definitivo de Martin — MARTIN. *Noteworthy Maps with Charts, Views and Atlases*. Washington, D.C.: GPO for the Library of Congress, Division of Maps, 1927, nºs. 102-8; MARTIN e EGLI, Clara. *Noteworthy Maps No. 2*. Washington, D.C.: GPO for the Library of Congress, Division of Maps, 1929, nºs. 92-99; MARTIN e EGLI, Clara. *Noteworthy Maps No. 3*. Washington, D.C.: GPO for the Library of Congress, Division of Maps, 1930, nºs. 77-81; MARTIN. John Mitchell's Map. *Library of Congress, Quarterly Journal of Current Acquisitions*, Washington, v.1, nº.4, p.36-38, 1944 — foi resumido por STEPHENSON, Richard W. Table for Identifying Variant Editions and Impressions of John Mitchell's Map of the British and French Dominions in North America. In: RISTOW, Walter W. (ed) *A la Carte*, p.109-13, que também identificou as derivativas holandesas, francesas e italianas. Ver também. SELLERS, John e MOLEN VAN EE, Patricia. *Maps and Charts of North America and the West Indies, 1750-1789: A Guide to Collections in the Library of Congress*. Washington, DC: Library of Congress, 1981, nºs.37-53.
- 6 STEVENS, Henry e TREE, Roland. Comparative Cartography Exemplified in an Analytical & Bibliographical Description of nearly One Hundred Maps and Charts of the American Continent published in Great Britain during the Years 1600-1850. In: *Essays Honoring Lawrence C. Wroth*. Portland, Me.: Anthoensen Press, 1951, p.305-64; TOOLEY, R. V. Comparative Cartography. In: *Map Collector's Circle* 4, nº.39. London, 1966-67; TOOLEY, R. V. (ed.) *The Mapping of America*. London: Holland Press, 1985, p.41-107.
- 7 Uma observação sobre a terminologia é necessária. Ambas os termos "edição" e "tiragem" implicam em versões separadas e distintas do mapa, mas isso é certamente confuso no caso do mapa de Mitchell. Além do mais, "impressão" é um termo que, geralmente, se refere a um produto tirado numa única vez de uma mesma prensa, o que, portanto, não é apropriado. Cartógrafos geralmente se referem ao "estado" de uma placa de impressão e, portanto, de impressões retiradas dessa mesma placa, mas essa terminologia não é facilmente aplicada a um mapa de muitas folhas. Não existe entre os cartógrafos uma unanimidade sobre esse ponto, eu tenho chamado cada versão do mapa de Mitchell de uma "variante."

	B. F. Stevens	Stevens & Tree	Martin / Stephenson
variante 1	colação A	1ª edição, 1ª publicação	1ª edição, 1ª publicação
variante 2		1ª edição, 2ª publicação	1ª edição, 2ª publicação
variante 3			1ª edição, 3ª publicação
variante 4	colação B	2ª publicação	2ª publicação
—		3ª edição	
variante 5	colação C		3ª edição, 1ª publicação
variante 6	colação D	4ª edição	3ª edição, 2ª publicação
variante 7	colação E	5ª edição	4ª edição

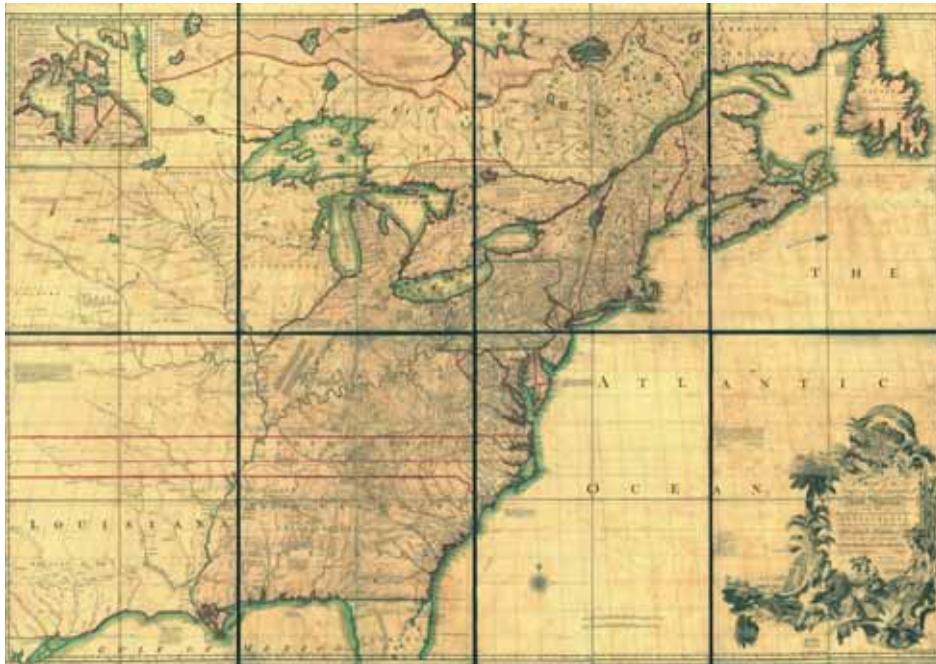


Figura 1. John Mitchell, *A Map of the British and French Dominions in North America with the Roads, Distances, Limits and Extent of the Settlements, Humbly Inscribed to the Right Honourable The Earl of Halifax, And the other Right Honourable The Lords Commissioners for Trade and Plantations*, gravado por Thomas Kitchin (London: Andrew Millar, 1755). Variante 1. 136cm x 195cm. Cortesia da Geography and Map Division, Library of Congress (G3300 1755 M5 Vault). « n-am 1755 mitchell 50pc.jpg (... 10pc is a smaller file) »

É importante lembrar, que cada um desses estudos trata o mapa de Mitchel e sua história de publicação como uma parte integrante da *História Colonial*.

Quando atentamos para o fato de que o mapa era um trabalho geográfico publicado em Londres, nós podemos perceber que as sete variantes desse mapa visavam, primeiramente, o público britânico e, mais especificamente, aqueles que podiam freqüentar os comerciantes de livros e impressões na cidade. Considerando a publicação de variantes tardias desse mapa, nós devíamos nos perguntar sobre a contribuição delas, não à história colonial, mas à visão imperial do público britânico. O mapa de Mitchell era tratado como qualquer outro produto das casas de impressão de Londres. Editores londrinos mandavam seus livros e outros trabalhos impressos para as províncias, mas somente de maneira limitada. A distância de Londres das colônias na América do Norte significava que esses editores geralmente mandavam poucas cópias de qualquer trabalho para as colônias, apesar de que despejavam nos mercados coloniais cópias de trabalhos que não vendiam em Londres na esperança de recuperar alguns de seus gastos.⁸ Esse não foi o destino do mapa de Mitchell que parece ter estado disponível nas colônias apenas em número reduzido; com certeza, quase todas as impressões do mapa achadas em bibliotecas dos EUA foram obtidas no final do século XIX e XX, adquiridas por meio de comerciantes britânicos e se destinaram às coleções particulares. Nós precisamos, então, examinar o mercado de Londres se quisermos entender melhor a história do mapa. Apesar de seu tamanho incomum, compilação cuidadosa e importância histórica, nesse aspecto, o mapa de Mitchell não era diferente de muitos outros mapas publicados em Londres no mesmo período, mesmo os pequenos esboços dos mapas publicados em "revistas" mensais. (Figura 2)

Quando examinamos cuidadosamente o mercado londrino de mapas e livros geográficos, nós encontramos reduzido interesse nas colônias. Isso é facilmente observado nos modelos de mapas impressos dentro de periódicos mensais, como o *Gentleman's Magazine* ou o *London Magazine*. Essas revistas estavam interessadas em assuntos atuais, assim como os jornais diários e semanais; contudo, como eles possuíam um ciclo de produção mais longo e vendiam muito mais do que jornais, seus editores eram capazes de investir o tempo e o dinheiro necessário para incluir mapas em vários números (e.g., Figura 2). Os editores procuravam identificar os interesses correntes do público leitor, então é lógico presumir que eles justificavam o custo extra de ter mapas preparados e impressos quando estes coincidiam com o interesse desse público. Uma simples contagem dos mapas nas revistas revela que mapas da América do Norte e das Índias do Oeste apareciam nas revistas apenas durante conflitos ou por questões

8 Ver especialmente BOTEIN, Stephen. The Anglo-American Book Trade before 1776: Personnel and Strategies. In: JOYCE, William L.; HALL, David D., BROWN, Richard D. e HENCH, John B. (eds). *Printing and Society in Early America*. Worcester, Mass.: American Antiquarian Society, 1983, p.48-82; RAVEN, James. *London Booksellers and American Customers: Transatlantic Literary Community and the Charleston Library Society, 1748-1811*. Columbia: University of South Carolina Press, 2002.

diplomáticas coloniais: como em 1748-49, 1755-64, e 1774-83.⁹ Em geral, podemos observar que o público londrino esteve interessado nas colônias, da América do Norte ou outras colônias específicas, apenas em épocas de conflitos.¹⁰ Então, o que a história da tardia publicação do mapa de Mitchell nos diz sobre o interesse público dentro da metrópole imperial sobre as colônias da América do Norte?

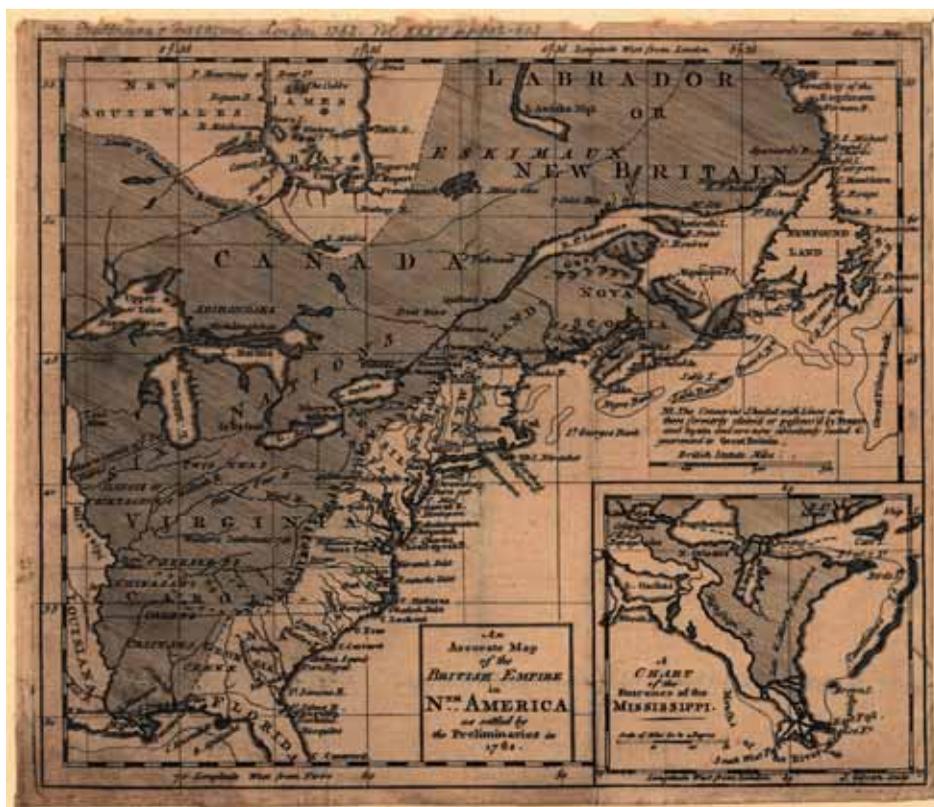


Figura 2. *An Accurate Map of the British Empire in Nth. America as Settled by the Preliminaries in 1762*, gravado por John Gibson, in *The Gentleman's Magazine* 32 (1762): 602-603. O território era para ser cedido pela França e Espanha para a Grande Bretanha. 21cm x 26cm. Cortesia da Geography and Map Division of the Library of Congress (G3300 1762 .G5 Vault / Lowery no. 457). « n-am 1762 gent mag.jpg »

9 Database a partir de JOLLY, David C. *Maps in British Periodicals*. 2 vols. Brookline, Mass.: David C. Jolly, 1990-1991.

10 Ver também CARLSON, C. Lennart. *The First Magazine: A History of The Gentleman's Magazine with an Account of Dr. Johnson's Editorial Activity and of the Notice Given America in the Magazine*. Providence, R.I.: Brown University, 1938; REITAN, E. A. Expanding Horizons: Maps in the *Gentleman's Magazine*, 1731-1754. *Imago Mundi*, v.37, p.54-62, 1985; REITAN, E. A. Popular Cartography and British Imperialism: *The Gentleman's Magazine*, 1739-1763. *Journal of Newspaper and Periodical History*, v.2, nº.3, p.2-13, 1986.

John Mitchell produz seus mapas

John Mitchell (1711-1786) nasceu na colônia da Virgínia. Sua família era suficientemente próspera para mandá-lo à Universidade de Edimburgo. Ele se formou em 1729 e, então, estudou Medicina até o final de 1731, apesar de que, aparentemente, não chegou a receber um diploma de médico. Quando voltou para a Virgínia, ele iniciou uma bem sucedida carreira de médico com um interesse ativo em Botânica e Zoologia. Em 1745, enquanto ele argumentava que a série de epidemias que afligiam a Virgínia era causada pela falta de higiene das tropas britânicas enviadas ao local, Mitchell ficou doente e foi forçado a deixar a colônia. Ele voltou a Londres em 1746. Lá, sua habilidade em botânica fez com que entrasse no círculo de "jardineiros aristocráticos".¹¹ Um deles, George Montague Dunk, o segundo conde de Halifax, tornou-se, em 1748, presidente da *Board of Trade and Plantations*,¹² o gabinete do governo inglês que coordenava a comunicação entre os governadores coloniais e o *Privy Council*.¹³ Com a tensão crescendo mais uma vez com os franceses sobre as reivindicações imperiais na América do Norte – e com o aumento do interesse oficial e público nas colônias – Halifax persuadiu Mitchell a compartilhar seu novo conhecimento da geografia das colônias. Isso, no final, fez com que Halifax encarregasse Mitchell de fazer seu grande mapa (ver Figure 1).¹⁴

Quando publicado, o objetivo do mapa era educar outros administradores e políticos, assim como o público geral, sobre a ameaça imposta à Inglaterra pela França na América do Norte. No final, a secretaria do *Board of Trade* adicionou um certificado para enfatizar o *status* do mapa como um documento oficial, conferindo-lhe credibilidade:

Esse mapa foi Empreendido com a Aprovação e o pedido dos Comissários dos Lordes para o *Board of Trade and Plantations*; e é Principalmente composto por Plantas, Mapas Geográficos e levantamentos topográficos de diferentes partes

-
- 11 [NT] Grupo de nobres com interesse em Botânica e jardinagem, além das Ciências Naturais. BERKELEY e BERKELEY, *Dr. John Mitchell*. Substituiu muitas das biografias prévias escritas por historiadores de História Natural e Medicina: CARRIER, Lyman. Dr. John Mitchell, Naturalist, Cartographer, and Historian. In: *Annual Report of the American Historical Association for the Year 1918*. Washington, D.C.: GPO, 1921, p.199-219; THATCHER, Herbert. "Dr. Mitchell, M.D., F.R.S., of Virginia". *The Virginia Magazine of History and Biography*, v.39, p.126-35, p.206-20, 1931-1933; v. 40, p.48-62, p.97-110, p.268-79, p.335-46, 1931-1933.; v.41, p.59-70, p.144-56, 1931-1933.; HORNBERGER, Theodore. The Scientific Ideas of John Mitchell. *The Huntington Library Quarterly*, v.10, p.277-96, 1946-1947. As duas biografias que seguem estão defasadas: POLLARD, A. F. John Mitchell. In: *Dictionary of National Biography*. London: Smith Elder, & Co., 1894, p.38:70; MARTIN, Lawrence. John Mitchell. In: MALONE, Dumas. (ed) *Dictionary of American Biography*. New York: Charles Scribner's Sons, 1934, v.13, p.50-51. Biografia recente, mas que não inclui novas descobertas: LARSON, Edward J. "John Mitchell". In: GARRATY, John A. e CARNES, Mark C. (eds) *American National Biography*. New York: Oxford University Press, 1999, v.15, p.606-7.
- 12 [NT] O *Board of Trade and Plantations* era um comitê, criado no século XVII, que atuava como parte integrante do *Privy Council*, com vistas ao desenvolvimento dos negócios e do comércio britânico.
- 13 [NT] O *Privy Council* (Conselho Privado) é constituído de um corpo de conselheiros que orientam o soberano inglês. Por essa época era um órgão poderoso na constituição da política britânica.
- 14 EDNEY, Matthew H. John Mitchell's Map of North America (1755): Its Official and Discursive Contexts. *Imago Mundi*, v.60, nº.1, 2008 (no prelo). De forma significativa, a maioria dos relatos sobre a história do mapa se baseiam em Halifax.

das Colônias e Plantações de Sua Majestade na América; Grande parte foi ultimamente mandada para esse Gabinete pelos Governadores das Colônias citadas e outras. John Pownall Secretário do Gabinete. *Plantation Office*. 13 de Fevereiro de 1755.

O que o mapa apresentava era a posse britânica inata sobre o largo território reivindicado pelos franceses que se estendia dos Grandes Lagos até o Golfo do México, e das montanhas dos Apalaches até o rio Mississipi. O principal argumento britânico estava estampado na cartela do título: a maneira pela qual dois Nativos Americanos reverenciavam o conde de Halifax (proeminentemente chamado pelo seu título honorífico) e a bandeira britânica espelhava a pretensão dos ingleses de terem subordinado os Iroqueses; o território dos Iroqueses era então território britânico. Vários trechos do texto explicavam como os Iroqueses haviam previamente habitado o entorno do Lago *Champlain* ("Lago dos Iroqueses") e haviam também conquistado terrenos extensos ao sul e ao norte dos Grandes Lagos, chegando até o Mississipi. Esses territórios, então reivindicados pela França, eram, dessa forma, posses britânicas. Mais para o sul, além do território dos Iroqueses, Mitchell adicionou numerosos comentários para afirmar a prioridade do povoamento britânico ou a sua interação com os nativos e, dessa maneira, reafirmar o direito britânico de posse. Muitas outras anotações de Mitchell resumem o valor econômico das terras que os franceses ameaçavam extrair dos ingleses. Tudo dito, o mapa era um produto de um certo momento da política inglesa que se caracterizava pela rivalidade imperial Anglo-Francesa.¹⁵

Variantes 1 a 3 (1755)

Para publicarem o mapa, Halifax e Mitchell contrataram dois oficiais bem estabelecidos em Londres, o gravador Thomas Kitchin e o comerciante de livros e impressor Andrew Millar. A declaração de direitos autorais na margem de baixo do mapa é datada 13 de fevereiro de 1755, que coincide com a data do certificado acima. Contudo, isso talvez seja muito cedo. Richard Jackson, um advogado de Londres, escreveu em 16 de fevereiro de 1755 que ele havia acabado de comprar uma cópia do mapa, mas, mais tarde, numa carta, ele observou que fez isso "quase 3 semanas antes [do mapa] estar disponível ao público".¹⁶ Além disso, o mapa foi anunciado, pela pri-

15 EDNEY, Matthew H. John Mitchell's *Map of North America*; ver também MARTIN, Jason. *Contested Terrain, Contested Meaning: John Mitchell's Map of 1755 and the Rhetorical Possession of the Ohio Region*. University of Wisconsin, MS thesis, 1999; FITE e FREEMAN. *Book of Old Maps*, p.182-84, e BERKELEY e BERKELEY. *Dr. John Mitchell*, p.194-98, transcreveu algumas das muitas notas de Mitchell. Ver também SHORT, John Rennie. *Representing the Republic: Mapping the United States, 1600-1900*. London: Reaktion Books, 2001, p.61 e p.234-35.

16 Richard Jackson para Jared Eliot, 16 February 1755 e 13 August 1755, ambas citadas por CARRIER. *Dr. John Mitchell*, p.207.

meira vez, no *Public Advertiser* apenas no dia 28 de março e, novamente, no dia 2 de abril de 1755.

O atraso foi causado talvez pela necessidade de imprimir cópias suficientes das oito folhas para prover um estoque que fosse suficiente à demanda. Foi certamente durante a impressão do mapa que pequenos erros foram vistos e corrigidos. O primeiro a ser corrigido foi o erro de ortografia do nome de Millar e seu endereço na declaração de direitos autorais. Então, alguém percebeu que a cidade de Worcester, em Massachusetts, estava denominada incorretamente de “Leicester,” apresentando duas cidades com o mesmo nome; a correção desse erro deu lugar à terceira variante distinta do mapa em 1755.¹⁷

O *Map of the British and French Dominions in North América*, de Mitchell, é um mapa muito grande em oito folhas, medindo 136 cm de altura por 195 cm de largura quando montado. Como outros mapas desse tamanho e complexidade, era muito caro e Millar procurou aumentar as vendas oferecendo o mapa em diferentes formatos. Estava disponível em pelo menos nove formatos diferentes. Quando primeiro anunciado, foi oferecido para venda em três formatos: (a-b) como oito folhas separadas, coloridas ou sem cor, e que poderiam ser encadernadas como um Atlas, por uma guinéu (1£ e 1 s); e (c) por um guinéu e meio (1£ 11s 6d) “em excelente e duplo *Elephant Paper*”, compreendendo a primeira impressão tirada das chapas.¹⁸ Um mês depois, o mapa foi anunciado em três outros formatos: (d) montado como 2 largos mapas, cada um de 4 folhas (1£ 5s); (e) o mesmo, mas unido “como se fosse inteiro” (1£ 15s); e (f) montado em um único mapa e apoiado em telas para suporte, pronto para ser colocado na parede (1£ 11s 6d).¹⁹ Após algumas semanas, o mapa foi anunciado como já equipado com cilindros para exposição na parede e também (g-i) com todas as oito folhas unidas, coloridas, e então divididas e colocadas em um pano para dobrar em 3 tamanhos diferentes (*folio*, *quarto*, e *octavo*) dentro de malas perfeitas para bibliotecas ou viagens (1£ 11s 6d).²⁰ Finalmente, todos esses formatos diferentes foram anunciados de uma vez só, começando em agosto de 1755.²¹ O fato de Millar utilizar o melhor tipo de papel “superfino” para as primeiras impressões tiradas da placa – quando a imagem está mais nítida e escura – indica que sua intenção era vender o mapa para colecionadores de impressões de alta qualidade que procuravam os exemplares mais perfeitos da arte dos gravadores. Talvez fossem essas as impressões que Richard Jackson tenha adquirido logo no processo de publicação.

17 Citado por STEPHENSON. Variant Editions and Impressions of John Mitchell's Map. Para detalhes precisos sobre como diferenciar entre as variantes distintas.

18 *Public Advertiser*, 28 March 1755, repetida em 2 e 4 April 1755. Nota: uma libra esterlina (£ or l) continha vinte xelins (s), cada xelim continha 12 penies (d).

19 *Public Advertiser*, 29 April 1755.

20 *Public Advertiser* 14, 15, e 16 May 1755.

21 *Public Advertiser*, 26 August 1755, repetida em 28 August, e 9, 11, e 13 September 1755.

Na verdade, a lista dos formatos dos mapas está incompleta. Quase todas as impressões do mapa que eu examinei estavam divididas e colocadas sobre um tecido, para poderem ser dobradas sem estragar o papel (formatos g-i). Muitas impressões sobreviveram nas quais todo o mapa foi dividido em 32 sessões e então montado sobre uma única folha de tecido, que então poderia ser dobrada e guardada numa caixa de tamanho in *fólio*. Outras impressões sobreviveram nas quais cada uma das oito folhas foi dividida em quatro, oito, dezesseis, ou até vinte sessões e então montadas em tecidos, as folhas individuais sendo então dobradas e guardadas em caixas menores, porém mais grossas; esse formato era muito mais maleável porque o usuário poderia tirar as folhas individuais da caixa, provavelmente usando alças de couro fixadas no tecido, sem ter que abrir o mapa inteiro.²² Todos os formatos divididos também significam que o mapa poderia ser guardado, em sua caixa, como um livro, o que não obrigava o comprador a ter móveis específicos para as folhas planas, ou espaço na parede para exibir o mapa inteiro. Não conheço impressões sobreviventes do mapa de Mitchell que tenham sido dependuradas em paredes para exposição (formato f): o ato de dependurar era perigosamente destrutivo, pois os mapas se apagavam devido à longa exposição à luz e talvez rasgassem por causa de seu próprio peso. Contudo, o mapa tinha como intenção ser pendurado na parede como um espelho ou uma pintura. A cartela ornada, produzida em delicada água-forte e gravada com força, era do mesmo estilo achado nos mapas de parede ingleses do século dezoito, quando mapas em livros eram geralmente austeros (como na Figura 2).

Como qualquer outro mapa impresso desse período, o mapa de Mitchell foi impresso em tinta preta sobre papel branco. Qualquer cor que aparece no mapa foi aplicada à mão com aquarela. Impressões sobreviventes do mapa com a cor original não são numerosas o bastante para determinar se Millar fez com que seus coloristas seguissem um padrão. Os formatos anunciados sugerem, contudo, que Millar tinha a intenção de dispor de mais de um esquema de cores. O fato de que as folhas separadas com ou sem cor fossem vendidas pelo mesmo preço (formatos a-b) sugere que o colorido não era sofisticado, provavelmente era apenas um colorido simples de contorno, evidenciado na Figura 1. As imagens mais caras eram provavelmente coloridas mais intensamente; algumas impressões têm o mapa inteiro colorido,²³ enquanto alguns dos anúncios se referem ao mapa como

22 The sheets of National Archives Record Group 76, Cartographic Series 27, Map 3 — GOGGIN, Daniel T. *Preliminary Inventory of the Records Relating to International Boundaries (Record Group 76)*. Washington, DC: The National Archives, National Archives and Records Service, General Services Administration, 1968, n.º 18 — foram divididas em 20 seções, montadas separadamente; pequenas alças de couro no verso das folhas indicam que elas eram dobradas e colocadas em uma pequena caixa, as alças sendo usadas para puxar separadamente cada folha do maço.

23 Como reproduzido em SCHWARTZ, Seymour I. e EHRENBERG, Ralph E. *The Mapping of America*. New York: Harry N. Abrams, 1980, p.164.

sendo “curiosamente iluminado” ao invés de apenas “colorido.” Existe, contudo, a possibilidade de que mapas fossem coloridos por seus donos, talvez mais tarde.

Era muito caro esse mapa? Seus vários formatos variavam de 1£ 1s até 1£ 15s, ou £87 até £144 em moeda corrente em 1991.²⁴ Em termos do poder de compra em meados do século XVIII, esse preço importava montantes significativos. O preço dos formatos mais simples era um guinéu – a moeda de ouro em circulação na Inglaterra. O simbolismo é claro: esse mapa era para as elites, para pessoas que na verdade tinham acesso ao ouro. Utilizando como padrão o salário contemporâneo do sul da Inglaterra, um guinéu representa aproximadamente a renda de dezesseis dias de um operário (ca. 16d *per diem*), dez a onze dias para um artesão habilidoso (ca. 24d *per diem*), quatro dias para um pastor (ca. £92 *per annum*), ou um dia de um advogado (ca. £231 *per annum*).²⁵ Claramente, o mapa de Mitchell nunca foi uma compra casual. Era um item de luxo com a intenção de ser vendido para membros da elite londrina que debatiam ativamente a política inglesa para as colônias da América do Norte, fosse nos saguões do poder, na esfera pública das casas de café e nos discursos impressos.

Variante 4, “a segunda edição” de Mitchell (1757)

Vários contemporâneos de Mitchell na Grã Bretanha elogiaram a sua imagem política. John Huske, por exemplo, escreveu em 1755 que

deve dar a todo *bretão* grande prazer de ver o nosso compatriota Dr. Mitchell, F.R.S. detectando os erros e os abusos desenhados por outros e, quase completamente, restaurando-nos aos nossos justos Direitos e Posses até onde o Papel irá admitir em seu mais elaborado e excelente mapa da América do Norte recentemente publicado; pelo qual merece os mais efusivos agradecimentos de todos os súditos de Sua Majestade.²⁶

O mapa em si foi subsequenteiramente reutilizado de maneiras muito mais simplificadas, como por exemplo, no mapa que também foi gravado por Thomas Kitchin e que foi incluído no livro de Huske (Figura 3). Mas quando os ingleses e os franceses começaram a lutar na América do Norte durante o verão de 1755 e formalmente declararam-se em guerra, em 1756, o

24 MCCUSKER, John J. *How Much Is That in Real Money? A Historical Price Index for Use as a Deflator of Money Values in the Economy of the United States*. Worcester, Mass.: American Antiquarian Society, 1992, appendix B.

25 Database a partir de BROWN, E. H. Phelps e HOPKINS, Sheila V. Seven Centuries of Building Wages. *Economica*, ns 22, nº. 87, p.195-206, esp. 205, 1955; WILLIAMSON, Jeffrey G. The Structure of Pay in Britain, 1710-1911. *Research in Economic History*, V.7, p.1-54, esp. 48, 1982. Ver também PEDLEY, Mary *The Commerce of Cartography: Making and Marketing Maps in Eighteenth-Century France and England*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

26 HUSKE, John. *The Present State of North America, &c. Part I*. London: R. and J. Dodsley, 1755, p.27. Ver também BERKELEY e BERKELEY. *Dr. John Mitchell*, p.201-2, p.204-10.

momento que gerou o mapa de Mitchell havia passado. O mapa em si era caro, o que gerou uma enchente de derivativos mais baratos, disponíveis nos mercados de Londres. Então por que, provavelmente em 1757, foi publicada uma nova versão do mapa de Mitchell?

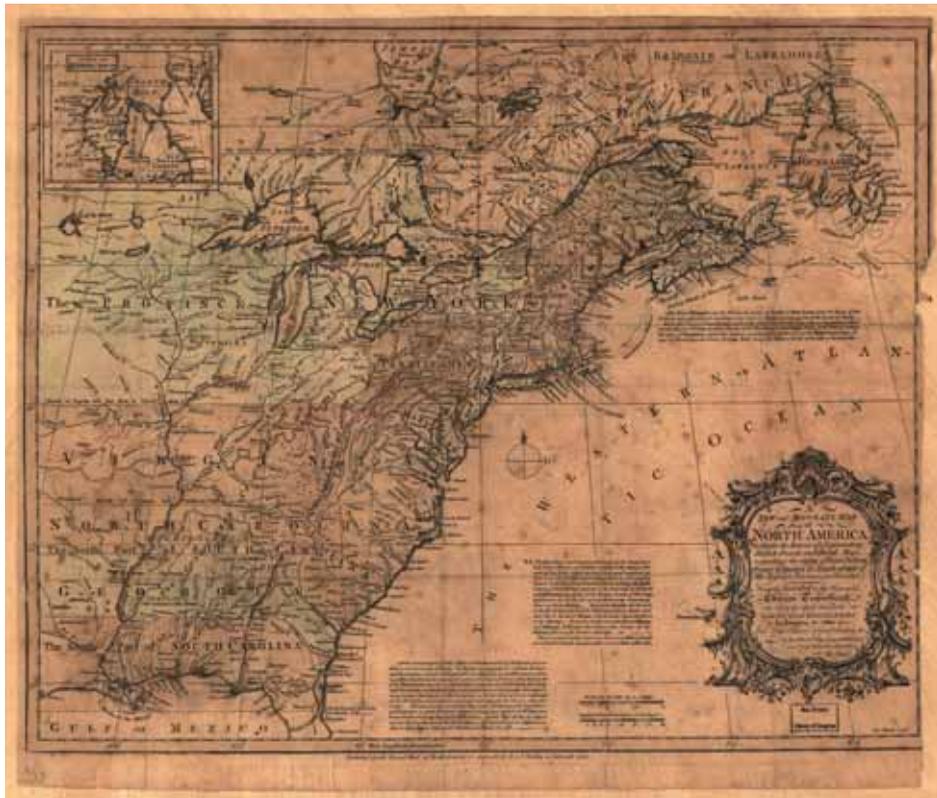


Figura 3. *A New and Accurate Map of North America . . . Humbly Inscribed to the Honorable Charles Townshend one of the Right Honorable Lords Commissioners for Executing the Office of Lord High Admiral of Great Britain &c By his Most Obligated, most Obedient and Very Humble Servant Huske, gravado por Thomas Kitchin, in John Huske, Present State of North America* (London: R. & I. Dodsley, 1755). 39cm x 49cm. Cortesia da Geography and Map Division, Library of Congress (G3300 1755 H8 Vault). « n-am 1755 huske.jpg »

A “segunda edição” – como Mitchell chamava essa nova variante em um dos largos blocos de textos que ele adicionou – tem sido usualmente explicada como resultante de uma melhoria no conhecimento geográfico. Entre todos os contemporâneos que elogiaram o mapa de Mitchell, pelo menos um teceu uma crítica significativa: o infame John Green, o crítico geógrafo e ocasionalmente prisioneiro, que, em 1750, estava trabalhando

para o proeminente editor de Londres, Thomas Jefferys.²⁷ Jefferys publicou o *New Map of Nova Scotia and Cape Britain*, de Green, em maio de 1755, junto com as Memórias de Green sobre a construção do mesmo. Nesse panfleto explicativo, Green apontou os erros que Mitchell cometera ao desenhar o contorno da costa da Nova Escócia e as porções adjacentes da Nova Inglaterra. Depois de listar os erros de Mitchell – incluindo uma tabela com as diferenças –, Green observou que seu mapa era melhor que o de Mitchell porque ele havia utilizado tanto as observações recentes das latitudes e longitudes realizadas pelo marquês de Chabert, quanto o mapa topográfico da Nova Escócia, de Nathaniel Blackmore. Em contraste, Mitchell havia utilizado apenas algumas medidas importantes. Green reclamou em particular do fato de que Mitchell não havia redigido uma Memória ou outro documento que explicasse como havia feito seu mapa.²⁸ Mitchell parece ter aceitado a crítica, pois ele corrigiu, em seu mapa, o contorno da Nova Escócia, alterando a posição de dois importantes promontórios: *Cape Race* para vinte minutos de latitude para o sul e *Cape Sable* para um grau de longitude para o leste. Ele também adicionou, no meio do Oceano Atlântico, dois grandes textos declaratórios atestando a qualidade de seu trabalho.²⁹

O bloco de texto posicionado mais abaixo listava todas as fontes básicas de Mitchell: relatos publicados, observações diretas e, o mais interessante, os diários de bordo de marinheiros britânicos que estiveram na guerra, aos quais ele tivera acesso por meio do *Board of Trade and Plantations*. Junto a essa informação, Mitchell ainda adicionou observações sobre as variações magnéticas da costa Atlântica da América do Norte, numeradas em algarismos romanos. Infelizmente, as explicações de Mitchell sobre suas fontes são abreviadas e não estão claras como as de outros geógrafos do século XVIII. O bloco de texto posicionado acima é mais discursivo e compreensível. Nele, Mitchell resumiu as alterações que realizou na costa da Nova Escócia e da Nova Inglaterra em reação às críticas de Green. Ele pediu desculpas por não ter utilizado o trabalho de Chabert, pela simples razão de que não o conhecia, mas que agora havia feito as mudanças necessárias. Contudo, seu acesso aos documentos do *Board* tornava imperativo que ele dispensasse o levantamento topográfico de Blackmore: Blackmore, em 1711, foi

27 Sobre Green (nascido Bradock Mead), veja especialmente CRONE, G. R. John Green: Notes on a Neglected Eighteenth Century Geographer and Cartographer. *Imago Mundi*, v.6, p.85-91, 1949; e CRONE, G. R. Further Notes on Bradock Mead, alias John Green, an Eighteenth Century Cartographer. *Imago Mundi*, v.8, p.69-70, 1951. Sobre Jefferys, ver HARLEY, J. B. The Bankruptcy of Thomas Jefferys: An Episode in the Economic History of Eighteenth Century Map-Making. *Imago Mundi*, v.20, p.27-48, 1966; e WORMS, Laurence. Thomas Jefferys (1719-1771): Beginning the World Afresh. *MapForum*, n.º. 3, 20-29, 2004.

28 [GREEN, John]. *Explanation for the New Map of Nova Scotia and Cape Britain, With the Adjacent Parts of New England and Canada*. London: Thomas Jefferys, 1755, p.18 e 22.

29 EDNEY, Matthew H. *The Mitchell Map: An Irony of Empire*. Osher Map Library, University of Southern Maine, <http://www.usm.maine.edu/~maps/mitchell/history3.html>, 21 April 1997, fornece uma transcrição completa dos dois blocos de texto.

tenente do *HMS Dragon*,³⁰ mas só desenhou seu mapa da costa em 1715, que, subseqüentemente, caiu nas mãos do editor Herman Moll; Moll apoiou sua versão impressa e reivindicou que Blackmore havia sido um “topógrafo geral” e que ele havia feito o levantamento sob a “Designação especial” da Rainha Ann. Mitchell achou o mapa grosseiro e impreciso, além de não merecedor da autoridade que lhe tinha sido conferido por Moll e Green. Além do mais, Mitchell descartou todos os mapas e cartas inglesas que haviam se baseado no trabalho de Blackmore.³¹

É difícil dizer com certeza quando Mitchell fez essas adições para criar a quarta variante. O mapa corrigido ostentava o mesmo título e a data na declaração de direitos autorais não havia sido mudada. Será que Mitchell reconstruiu a costa da Nova Escócia e regravou o mapa antes do final de 1755? Ou será que o processo demorou mais tempo? Independente do tempo dispendido para serem feitas as revisões, parece que a quarta variante não foi publicada antes de 1757. Essa assertiva é baseada num comentário no *American Husbandry* (London, 1775), que diz:

Com [a] ocasião da última guerra [i.e., 1756] Dr. Mitchell foi empregado pelo ministro [i.e., governo] para fazer um levantamento topográfico preciso de todas as províncias interiores da América do Norte, a maioria delas desconhecidas exceto para os franceses... Essa foi a origem do seu mapa da América do Norte, o melhor que tivemos; na época que foi publicado, foi acompanhado de um volumoso panfleto, escrito pelo doutor e com o título, *The Contest in America*, no qual ele esclarece a importância das províncias interiores...³²

O *The Contest in America* em si mesmo não menciona o mapa, mas possui os mesmos ideais políticos que o mapa de Mitchell.

Como as várias inscrições no mapa, o propósito do panfleto era explicar porque era tão importante para os britânicos manterem os franceses fora das “províncias interiores”, que se estendiam entre os Apalaches e o Rio Mississippi, e do vale do Rio Ohio em particular. Seu autor anônimo diz ter obtido acesso a um grande número de informações privilegiadas e governamentais, das quais ele se aproveitou para explicar porque a guerra requeria a união dos britânicos. Essa não era uma guerra, escreveu ele, na qual os britânicos podiam aplicar seus jogos políticos usuais. Com certeza, sua mensagem para a posteridade era que a guerra, na verdade, resultava da desunião entre as colônias britânicas: se as colônias tivessem superado suas pequenas diferenças, elas poderiam ter se unido para impedir que

30 [NT] *HMS Dragon* era um navio da Real Marinha Britânica.

31 Citado por ROBINSON, Arthur H. Nathaniel Blackmore's Plaine Chart of Nova Scotia: Isobaths in the Open Sea? *Imago Mundi*, v.28, p.137-41, 1976.

32 CARMAN, Harry J. (ed.) *American Husbandry*. New York: Columbia University Press, 1939, p.205. Carman (p.xxxix-lxi) refutou o argumento de Lyman Carrier que Mitchell, ele mesmo, tenha escrito anonimamente esse trabalho. CARRIER, Lyman. *American Husbandry: A Much Overlooked Publication*. *Journal of the American Society of Agronomy*, v.2, p.206-11, 1918 reimpresso por Carman (p.xxxi-xxxviii).

os franceses estabelecessem seus fortes no território britânico. O que os britânicos precisavam, argumentava o panfleto, era possuir uma maior perspectiva geográfica das colônias, que era exatamente o que o mapa fornecia.³³

Se o autor anônimo de *American Husbandry* estava correto, então o panfleto e o mapa que estava associado a ele – a quarta variante do mapa de Mitchell – foram publicados para continuarem a educação do público britânico sobre a natureza da empresa imperial na América do Norte. A repugnância mostrada por Mitchell no prefácio do *The Contest in América* para a politicagem partidária manifestava uma retórica comum nos discursos públicos na Grã Bretanha do século XVIII; era parte da maneira que os escritores reivindicavam um grau de desinteresse, de estarem acima da política suja e de estarem escrevendo apenas segundo o interesse de toda a nação. Mas dada a disputa política que é endêmica a qualquer declaração de guerra, eu tenho que imaginar o quanto o panfleto e a segunda edição do mapa eram ambos mais uma vez motivados pelo conde de Halifax e sua visão imperial.

Variantes 5 a 7 (1774-1775)

Com a queda de Québec, em 1759, e o fim do palco norte-americano da Guerra dos Sete Anos, o interesse do público britânico na geografia do continente diminuiu. Não havia mais necessidade de Halifax manter a atenção do público sobre a ameaça francesa na América do Norte. Halifax mesmo saiu do cargo de presidente do *Board of Trade and Plantations*, em 1761, quando se tornou então Lorde Tenente da Irlanda e Secretário do Estado, enquanto Mitchell morreu em 1768. Durante esses anos, Andrew Millar talvez tenha continuado a imprimir os mapas de John Mitchell, acompanhando qualquer demanda eventual que pudesse existir, mas sem alterar a chapa.

Millar também morreu em 1768 e é incerto o que aconteceu com as oito chapas de impressão até que elas foram compradas por William Faden. William Faden sênior, um rico editor, comprou para seu filho de 16 anos uma parceria com Thomas Jefferys, em 1767 ou 1768, (Jefferys havia falido em novembro de 1766 com um esquema ambicioso de fazer levantamentos topográficos em larga escala de alguns condados ingleses.) Com a morte de Jefferys, em 1771, Faden continuou a publicar seus mapas sob o nome

33 [MITCHELL, John]. *The Contest in America Between Great Britain and France, With Its Consequences and Importance: Giving an Account of the Views and Designs of the French, with the Interests of Great Britain, and the Situation of the British and French Colonies, in all parts of America: In which A proper Barrier between the two Nations in North America is pointed out, with a Method to Prosecute the War, so as to obtain that necessary security for our Colonies.* London: Andrew Millar, 1757, esp. p.xli e p.17-84.

de Jefferys. Entre 1773 e 1775, ele trabalhou usando o nome “Jefferys and Faden” e finalmente publicou somente sob seu próprio nome.³⁴

Faden publicou as últimas três variantes dos mapas de Mitchell sob a marca “Jefferys and Faden”. Podemos ter certeza, então, que eles foram produzidos entre 1773 e 1775. E podemos ser mais precisos porque Faden listou o mapa de Mitchell, em seu catálogo de 1774, da seguinte maneira:

Os domínios britânicos e franceses na América do Norte, com as estradas, distâncias, limites e extensão de seu povoamento, 8 folhas, 1755; *scarce* | *Mitchell*.³⁵

Diferente da maioria das entradas do catálogo, Faden não especificou um preço para o mapa. Junto com a sua descrição do mapa como “escasso,” esse silêncio sugere como quase certo que, a essa altura, Faden não era dono das chapas de impressão do mapa, e ele também não vendeu nenhuma impressão do mapa que poderia ter aparecido em seu caminho. O mais certo é que ele tinha apenas conhecimento do mapa. Com certeza, após 1768, exemplares do mapa apareceram ocasionalmente nos catálogos de venda de comerciantes de livros de Londres, anunciados sempre com um preço muito alto:

“bem colorido”, e dobrado em caixa portátil £1 1s (1768)³⁶
Colorido, “meio-unido” (formato e?) 12s (1768-1769)
Em papel grande, “bem caprichado” 15s (1768-1769)³⁷
Colorido, colado no pano, e sobre cilindros £1 5s (1770)³⁸
“bem colorido” 10s 6d (1771)³⁹
Colorido, no pano, e em uma caixa 12s 6d (1776)⁴⁰
Colorido £1 1s (1776)⁴¹
Colorido, no pano, e sobre cilindros 18s (1777)⁴²

34 Ver HARLEY, Bankruptcy of Thomas Jefferys, p.47. Sobre Faden, ver também: PEDLEY, Mary. (ed.) *The Map Trade in the Late Eighteenth Century: Letters to the London Map Sellers Jefferys and Faden*, SVEC 2000:06. Oxford: Voltaire Foundation, 2000; WORMS, Laurence. The Maturing of British Commercial Cartography: William Faden (1749-1836) and the Map Trade. *The Cartographic Journal*, v.41, p.5-11, 2004.

35 *A Catalogue of Modern and Correct Maps, Plans, and Charts, Chiefly Engraved By the late T. Jefferys*. London: Faden and Jefferys, 1774, p.15.

36 DAVIES, Thomas. *A Catalogue of Several Libraries and Parcels of Books*. [London], [1768], p.3.

37 PAYNE, Thomas. *A Catalogue of a Large and Curious Collection of Books, Containing Several Libraries Lately Purchased*. [London], [1768], p.31; PAYNE, Thomas. *Catalogue of a Large and Curious Collection of Books, Containing Several Libraries Lately Purchased; in which is Included that of Edward Pawlet*. [London], [1769], p.33; e PAYNE, Thomas. *A Catalogue of Twenty Thousand Volumes: Containing the Libraries of R. Thornton, Esq; Dr. John Mitchel, Dr. T. Hayes*. [London], [1769], p.33. Os livros de diferentes bibliotecas foram colocados todos juntos no último catálogo, então é impossível reconstruir a biblioteca de Mitchell isoladamente.

38 ROBSON, James. *A Catalogue of Upwards of Twenty Thousand Volumes of Books including the Remaining Part of the Valuable Library of His Grace the Duke of Newcastle*. [London], [1770], p.13.

39 DAVIES, Thomas. *A Catalogue of Valuable and Curious Books*. [London], [1771], p.2.

40 TODD, John. *J. Todd's Catalogue for 1776*. [York], [1776], p.6.

41 WHITE, Benjamin. *A Catalogue of Several Valuable Libraries Lately Purchased*. [London], [1776], p.8.

42 SOTHERAN, Henry. *A Catalogue of Several Libraries and Parcels of Books, (Lately Purchased) Containing upwards of Twelve Thousand Volumes, Ancient and Modern*. [York?], [1777], p.8.

Os mapas podem, na realidade, não ter sido vendidos rapidamente: os comerciantes parecem ter oferecido para venda mais cópias do grande *Mapa das Américas do Norte e Central* (em vinte folhas),⁴³ de 1733, de Henry Popple, do que cópias do mapa de Mitchell. Além do mais, um comerciante anunciou as mesmas duas impressões do mapa de Mitchell em três catálogos diferentes, em 1768 e 1769, apesar de que uma outra impressão, listada em 1768, não reapareceu nos catálogos posteriores. Nós podemos, então, concluir que Faden percebeu que ainda havia demanda para o caro e grande mapa de parede da América do Norte. Em algum momento entre 1774-1775, então, ele adquiriu as chapas para o mapa de Mitchell, modificou-as com sua marca, e imprimiu três novas variantes pouco tempo depois.

Como com a quarta variante, corremos o risco de sermos enganados pelas mudanças no conteúdo do mapa para sugerir uma razão colonial para a preparação de novas variantes. Essas mudanças de conteúdo sugerem que a ocasião aberta para a quinta e sexta variantes foi o Ato de Québec, de 22 de junho de 1774 (14 Geo. III c. 83). Com o final da Guerra dos Sete Anos, em 1763, os franceses recuperaram suas colônias norte-americanas de *Cape Breton* e outras ilhas no Golfo de São Lourenço, mas a Grã-Bretanha manteve a extensa colônia francesa do Canadá. Uma proclamação real, em 1763, estabeleceu as fronteiras preliminares entre o Canadá e as colônias Atlânticas; esses limites foram então finalizados pelo Ato de Québec. A nova versão do mapa de Mitchell, de Faden, possuía várias mudanças nas fronteiras das colônias do norte que pareciam refletir o Ato, com outras mudanças sendo feitas na sexta variante; as duas variantes refletiam os diferentes estágios no processo de mudança de fronteiras capturadas pelo mapa. Nessa época, a mudança mais importante nos detalhes do mapa talvez tenha sido a substituição da linha de fronteira retilínea, no sentido leste-oeste, ao norte do Lago Ontário – denominado “Limites do Canadá e dos Iroqueses, de acordo com De L’Isle e outros geógrafos”, proeminente nas duas primeiras edições – por uma linha de fronteira passando pelo Lago Ontário (Figura 4). Muitas das linhas de fronteira que delimitavam reivindicações territoriais das colônias de Nova York e Nova Jersey foram retiradas. Faden, contudo, não foi consistente em suas alterações e correções. A colônia de Massachusetts há muito tempo reivindicava a posse sobre todo o território até o Rio São Lourenço, então Mitchell havia representado a linha dividindo a Nova Inglaterra da Nova Escócia de acordo com essa reivindicação, para apoiar argumentos territoriais britânicos antes da guerra; apesar da reivindicação da colônia ter sido negada pela Proclamação de 1763 e pelo Ato de 1774, Faden não atualizou o mapa com a nova fronteira.

43 Esse mapa, muito reproduzido, é discutido em grande detalhe por BABINSKI, Mark. *Henry Popple's 1733 Map of The British Empire in North America*. Garwood, N.J.: Krinder Peak Publishing, 1998.

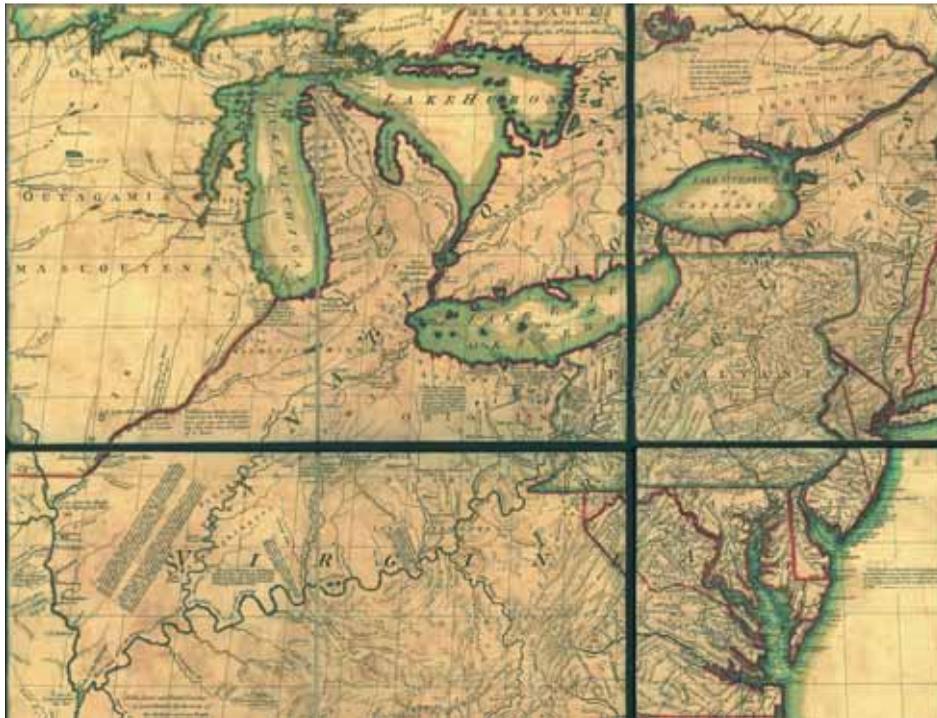


Figura 4. Detalhes da área do Lago Ontario e de fronteiras políticas da primeira (a) e sexta (b) variantes. Cortesia da Geography and Map Division, Library of Congress (G3300 1755 M5 Vault and G3300 1774 .M5 Vault). « n-am 1755 mitchell ohio.jpg / n-am 1774 mitchell ohio.jpg »

As novas fronteiras estabelecidas entre a Nova Inglaterra, a Nova Escócia e o Canadá foram, contudo, delineadas corretamente pela cor aplicada no mapa. Parece que Faden impôs um esquema de cores padronizado para o mapa, ou ao menos nas impressões que eram vendidas coloridas. Referindo-se à uma impressão da quinta variante que pertencia a John Jay e que foi usada nas negociações do tratado Anglo-Americano, em Paris, em 1782, o estadista do início do século XIX, Albert Gallatin, descreveu o esquema de cores da seguinte maneira: "Nova Escócia é designada por uma margem vermelha, o território não sendo colorido. Nova Inglaterra é colorida de amarelo, Nova York de azul, e o Canadá de verde." Mais tarde, Gallatin observou que o verde do Canadá passava os Grandes Lagos até a confluência dos rios Ohio e Mississippi (ver Figura 4b), representando o Canadá de acordo com suas fronteiras determinadas pelo Ato de Québec.⁴⁴

⁴⁴ GALLATIN, Albert e WEBSTER, Daniel. *A Memoir on the North-Eastern Boundary, in Connexion with Mr. Jay's Map, By the Hon. Albert Gallatin, LL.D., . . . Together with a Speech on the Same Subject, by the Hon. Daniel Webster, LL.D.* New York: New York Historical Society, 1843, p.20. O mesmo colorido é encontrado na impressão da sexta



Figura 4b

Com essas alterações ainda recentes, em 1775,⁴⁵ Faden fez uma sétima variante, marcada somente pela alteração do título do mapa. Ele regravou a linha do título que dizia *Domínios Britânicos e Franceses* e mudou para *Colônias Britânicas*. O novo título era, então, *A Map of The British Colonies in North America*. Essa mudança reconheceu claramente que a França não tinha mais presença colonial significativa na América do Norte, o que refletia a culminação do poder imperial britânico no continente, especialmente numa época em que aumentava a inquietação dos civis nas colônias britânicas. É significativo que a sétima variante não apresentasse alterações nos detalhes geográficos: a única mudança era o título. Além disso, impressões dessa variante na cor original copiaram o mesmo esquema de cores das impressões coloridas da quinta e da sexta variantes.⁴⁶

variante que se encontra nos U.S. National Archives Record Group 76, Cartographic Series 27, Map 3; Goggin, *Preliminary Inventory*, nº.18.

45 STEPHENSON. Variant Editions and Impressions of John Mitchell's Map. Citado como uma entrada no catálogo de mapas de Faden em 1778: "A Map of the British Colonies in North America . . . on 8 sheets, 1775, Mitchell."

46 Veja as diferentes impressões reproduzidas em GOSS, John *The Mapping of North America: Three Centuries of Map-Making, 1500-1860*. Secaucus, N.J.: The Wellfleet Press, 1990, p.130.; e EDNEY, Matthew H. *The Mitchell Map*.

A conclusão geral é que essas três variantes do mapa representam pequenas alterações feitas no decorrer de apenas um único evento de publicação, que pode ser datado entre 1774 e o início de 1775 (antes que Faden tenha parado de publicar como “Jeferrys e Faden”). Assim sendo, faz sentido considerar todas as três variantes como sendo publicadas para alcançar o interesse crescente do público britânico na América do Norte por causa do aumento da inquietação colonial. Podemos supor que Faden manteve o mapa em impressão, enquanto a Revolução Americana se desenvolvia, mas não podemos supor que foi um de seus *best sellers*: ele não o incluiu no seu *Atlas da América do Norte* de 1777, por exemplo.⁴⁷

Conclusão

O mapa de John Mitchell da América do Norte foi um grande trabalho. Foi caro prepará-lo e imprimi-lo e foi feito para aqueles membros da elite de Londres interessados em Geografia e que podiam gastar um guinéu ou mais na sua aquisição. Parece que foi impresso esporadicamente e apenas quando a atenção do público de Londres se dirigia para os assuntos da América do Norte. Não podemos supor que foi mantido em impressão continuamente, apesar de que um mercado ativo de exemplares de segunda mão o fez disponível, caso alguém quisesse um mapa como esse, quando o mesmo não estivesse mais sendo impresso. Nós certamente precisamos parar de considerar que ele tenha tido apenas interesse comercial, ou tenha como seu principal objetivo o contexto colonial. Os padrões de sua produção e consumo indicam fortemente que é mais sugestivo entendê-lo no contexto das concepções imperiais da Grã Bretanha. Era parte integrante dos irônicos discursos imperialistas da Europa, nos quais os europeus discutiam e criavam conceitos dos seus territórios imperiais pouco levando em consideração os interesses desses territórios e de seus habitantes.⁴⁸

No que diz a esse respeito, esse estudo demonstra que alguns conceitos subjacentes a algumas abordagens tradicionais à História da Cartografia precisam ser extensivamente e ativamente repensados. Em particular, nós devemos organizar nossas narrativas históricas e cartobibliográficas não sobre as regiões e os lugares mapeados, mas no contexto em que os mapas foram produzidos e utilizados. Afinal, o objetivo da “nova História da Cartografia”, defendida por Brian Harley e David Woodward, entre outros, é situar os mapas dentro de seus contextos apropriados de fabricação e uso. Dessa maneira, podemos entender os mapas coloniais das colônias e os mapas

47 FADEN, William *The North American Atlas, Selected From the Most Authentic Maps, Charts, Plans, &c Hitherto Published*. London: William Faden, 1777.

48 See EDNEY, Matthew H. The Irony of Imperial Mapping. In: AKERMAN, James R. (ed.) *The Imperial Map: Cartography and the Mastery of Empire*. Chicago: University of Chicago Press, forthcoming.

Matthew H. Edney

imperiais dos impérios, e suas possíveis interseções. Nós podemos então ver como os mapas da era imperial eram seletivamente apropriados para servirem como ícones nacionalistas e anti-coloniais. E podemos também ver com precisão como mapas eram utilizados como ferramentas de autoridade do Estado, ou como instrumentos de resistência. Mais importante, dessa forma, os mapas deixam de ser reflexos da sociedade e da cultura que os produziu, mas podem ser vistos claramente como contribuindo à constituição dessas sociedades e dessas culturas.